

EM BUSCA DO SENTIDO DA VIDA:

explorando o existencialismo na biblioterapia por meio de Frankenstein de Mary Shelley

IN SEARCH OF THE MEANING OF LIFE:

Exploring existentialism in bibliotherapy through Mary Shelley's Frankenstein

EN BUSCA DEL SENTIDO DE LA VIDA:

Explorando el existencialismo en la biblioterapia a través de Frankenstein de Mary Shelley

Luana Ciecelski

Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

luanaciecelski@yahoo.com.br

RESUMO

Introdução: Este artigo analisa como a biblioterapia pode ser utilizada para explorar questões filosóficas, especialmente do existencialismo, por meio da leitura de Frankenstein, de Mary Shelley. O estudo apresenta inicialmente o tema da busca pelo sentido da vida e destaca a literatura como espaço para refletir sobre dilemas existenciais.

Objetivo: O objetivo é investigar como a biblioterapia pode promover discussões filosóficas, utilizando conceitos do existencialismo e o conceito de *Dasein* de Heidegger.

Metodologia: A metodologia combina revisão bibliográfica e análise literária da obra, além da elaboração de um roteiro prático para grupos de leitura.

Resultados: Os resultados mostram que a leitura orientada de Frankenstein permite aos participantes refletirem sobre liberdade, responsabilidade, alienação e construção de identidade.

Conclusões: Assim, a integração entre biblioterapia, filosofia existencialista e literatura amplia as possibilidades terapêuticas e educativas, promovendo autoconhecimento e desenvolvimento pessoal.

Palavras-chave: Biblioterapia; Filosofia; narrativa literária; existencialismo; Frankenstein.

ABSTRACT

Background: This article analyzes how bibliotherapy can be used to explore philosophical issues, especially existentialism, through the reading of Mary Shelley's Frankenstein. The study initially presents the theme of the search for the meaning of life and highlights literature as a space to reflect on existential dilemmas.

Purpose: The objective is to investigate how bibliotherapy can promote philosophical discussions, using concepts from existentialism and Heidegger's concept of *Dasein*.

Methodology: The methodology combines bibliographic review and literary analysis of the work, in addition to the development of a practical script for reading groups.

Results: The results show that guided reading of Frankenstein allows participants to reflect on freedom, responsibility, alienation and identity construction.

Conclusion: Thus, the integration of bibliotherapy, existentialist philosophy and literature expands therapeutic and educational possibilities, promoting self-knowledge and personal development.

Keywords: Bibliotherapy; Philosophy; literary narrative; existentialism; Frankenstein.

RESUMEN

Fondo: Este artículo analiza como se puede utilizar la biblioterapia para explorar cuestiones filosóficas, especialmente el existencialismo, a través de la lectura de Frankenstein de Mary Shelley. El estudio presenta inicialmente el tema de la búsqueda del sentido de la vida y destaca la literatura como espacio para reflexionar sobre dilemas existenciales.

Objetivo: El objetivo es investigar cómo la biblioterapia puede promover discusiones filosóficas, utilizando conceptos del existencialismo y el concepto de Dasein de Heidegger.

Metodología: La metodología combina la revisión bibliográfica y el análisis literario de la obra, además de la elaboración de un guión práctico para grupos de lectura.

Resultados: Los resultados muestran que la lectura guiada de Frankenstein permite a los participantes reflexionar sobre la libertad, la responsabilidad, la alienación y la construcción de la identidad.

Conclusión: Así, la integración entre biblioterapia, filosofía existencialista y literatura amplía las posibilidades terapéuticas y educativas, promoviendo el autoconocimiento y el desarrollo personal.

Palabras clave: Biblioterapia; Filosofía; narrativa literaria; existencialismo; Frankenstein.

1 INTRODUÇÃO

Quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos? E afinal, qual o sentido disso tudo, dessa existência? Essas são algumas das perguntas mais básicas da filosofia, feitas por toda a humanidade desde os tempos antigos e para as quais a busca por uma resposta ainda não cessou. E nesta busca, diversas correntes filosóficas foram fundadas.

Entre elas está o existencialismo, que se concentra na análise da existência humana e na busca pelo sentido da vida em um universo aparentemente absurdo e desprovido de significado intrínseco. Entre os pensadores que desenvolveram essa linha de pensamento estão Jean-Paul Sartre e Albert Camus que exploraram a angústia existencial que surge dessa ausência de um significado.

Para Sartre, a vida é fundamentalmente absurda e é responsabilidade do indivíduo criar seu próprio propósito e significado por meio de escolhas autênticas. Da mesma forma, Camus discutiu o "absurdo" da vida e a necessidade de confrontar a falta de sentido com uma atitude de revolta. Ambos os filósofos enfatizaram a liberdade e a responsabilidade individuais na busca pelo sentido da vida.

Na literatura, como mostram, inclusive, os trabalhos publicados por esses dois autores, a busca do sentido da vida também é um tema recorrente. Muitos textos literários abordam essas preocupações existenciais por meio de personagens



complexos que enfrentam dilemas e crises existenciais, o que faz com que a intersecção entre a filosofia e a literatura seja particularmente rica.

Por exemplo, a obra *O Estrangeiro* de Albert Camus (1957) apresenta o protagonista Meursault, um personagem apático e aparentemente indiferente em relação a sua própria vida e ao mundo que o cerca e que após cometer um ato de violência aparentemente inexplicável, se vê envolto em um julgamento que levanta questões profundas sobre a moralidade e a natureza da existência. Outro exemplo é o volume *A Náusea* de Jean-Paul Sartre (2005), que narra a experiência existencial de Antoine Roquentin, um escritor que se depara com uma angústia existencial e sensação de absurdo diante da existência cotidiana. Por meio da história desse personagem, Sartre mergulha na natureza da existência e da consciência, questionando a própria essência da realidade e da individualidade, lançando luz sobre a luta do ser humano por encontrar significado no mundo e na vida.

Mas para além das obras desses dois pensadores há dezenas, senão centenas de outras obras que poderiam ser analisadas à luz do existencialismo ou mesmo que já foram investigadas nesse sentido. É um exemplo o livro *Frankenstein: ou o Prometeu Moderno* da escritora inglesa Mary Shelley, lançado em 1818. A obra clássica da literatura gótica aborda várias questões filosóficas e existenciais, como a criação e a responsabilidade, a natureza humana, destino e livre-arbítrio, a alienação existencial, além de questões como a natureza *versus* a tecnologia.

O que as pesquisas existentes até aqui mostram é que por meio da literatura, os escritores podem explorar as complexidades da existência humana porque ela oferece um espaço para a expressão criativa das respostas individuais à busca do sentido da vida. Além disso, a narrativa literária possibilita a exploração de diferentes caminhos para a descoberta do sentido, oferecendo uma riqueza de perspectivas e *insights* sobre essa busca universal. E do outro lado, os leitores podem, por meio da empatia com personagens que compartilham dessas lutas, permitir uma reflexão mais profunda das questões filosóficas e, quem sabe, alcançar até mesmo uma compreensão que impacte em sua vida.

Nesse sentido é que entramos com a biblioterapia, uma prática terapêutica que utiliza a leitura de textos literários para promover a autorreflexão, a compreensão emocional e a exploração de questões pessoais e filosóficas. O que



buscamos com esse artigo é investigar de que forma uma obra como *Frankenstein*, que contém essas questões existenciais, poderia ser empregada como uma ferramenta eficaz para explorar perspectivas filosóficas sobre a busca pelo sentido da vida, com foco especial no existencialismo e impactar na vida do leitor.

Acreditamos que a justificativa para este estudo reside na relevância crescente da biblioterapia como prática de promoção do bem-estar emocional, autoconhecimento e ressignificação de experiências, especialmente em um contexto social marcado por angústias existenciais causadas pelas transformações que estão cada vez mais aceleradas e que mudam paradigmas, tornando impermanentes em poucos anos ou meses as regulações sociais e psíquicas que antes permaneciam por décadas e séculos, fazendo desaparecer parâmetros, que como aponta a pesquisadora francesa Michèle Petit (2009) tornam todos mais vulneráveis, fazendo crescer desigualdades e disparidades.

Além disso, ao articular literatura, filosofia e práticas terapêuticas, o artigo contribui para ampliar as possibilidades de intervenção educativa e terapêutica, fornecendo subsídios teóricos e metodológicos para profissionais das áreas de educação, saúde e cultura. Por fim, destaca-se, ainda, a importância de abordar o existencialismo de forma acessível e aplicada, permitindo que leitores e participantes de grupos de leitura possam refletir sobre sua própria existência a partir de experiências literárias significativas.

Para alcançar esse objetivo, propomos como objetivos específicos a revisão dos principais conceitos do existencialismo e da biblioterapia, estabelecendo as bases teóricas para a análise qualitativa da narrativa de Frankenstein à luz dos temas existencialistas, identificando elementos como liberdade, responsabilidade, alienação e busca de sentido. Com base nisso, pretendemos desenvolver e apresentar um roteiro prático de aplicação da obra em contextos de biblioterapia, com base no conceito de *Dasein* de Heidegger, visando estimular discussões filosóficas e promover a autorreflexão nos participantes.

2 O EXISTENCIALISMO: CONCEITOS FUNDAMENTAIS



Historicamente, o existencialismo ganhou força em resposta a um acontecimento que marcou a humanidade profundamente: a Segunda Guerra Mundial. A crise gerada pelo conflito, em todas as esferas (política, econômica, social, moral, etc), trouxe consequências sérias, especialmente no modo de ver a vida. E isso acabou refletindo inclusive na ciência. E na filosofia, uma corrente de pensamento passou a trabalhar num projeto de uma nova moral, como aponta Penha (1989). Nas palavras do autor, o existencialismo seria, por seus termos etimológicos, “a doutrina filosófica que centra sua reflexão sobre a existência humana considerada em seu aspecto particular, individual e concreto” (Penha, 1989, p. 14). No entanto, não se pode levar a crer que antes do existencialismo a filosofia não se dedicasse à existência humana, ao contrário, é atribuída a Sócrates a famosa frase “conhece-te a ti mesmo”.

Portanto, é preciso pensar no existencialismo como um movimento moderno de pensar a existência, que tem raízes profundas na filosofia mais longínqua, mas que se estabelece de fato a partir do pensamento do dinamarquês Soren A. Kierkegaard (1813 - 1855), para quem a existência humana jamais poderia ser explicada através de sistemas gerais, conceitos ou esquemas abstratos, porque esses sistemas não conseguiriam dar conta da realidade, uma vez que a realidade é subjetiva e individual (Penha, 1989). A partir disso, Kierkegaard diz que a individualidade, a singularidade, são a essência do homem e o homem “é a categoria central da existência” (Penha, 1989, p. 22).

Após Kierkegaard, outro filósofo que desempenha papel importante para que o existencialismo se estabelecesse, foi Edmund Husserl, criador do método fenomenológico a partir da crítica a uma objetividade excessiva em favor da participação e intervenção humana “como elemento referencial básico” (Penha, 1989, p. 29), ou seja, de uma humanização da ciência. A partir disso ele desenvolve a noção de intencionalidade como a característica básica da consciência humana, por meio da qual ele consegue superar a parcialidade tanto do materialismo quanto do idealismo, numa espécie de meio termo.

As ideias só existem porque são ideias sobre coisas, ambas constituem um único fenômeno, por isso estão indissoluvelmente ligadas. A fenomenologia busca captar a essência mesma das coisas,



descrevendo a experiência tal como ela se processa, de modo a que se atinja a realidade exatamente como ela é. Para que se possa chegar a isso, Husserl propõe que o indivíduo suspenda todo o juízo sobre os objetos que o cercam (Penha, 1989, p. 31).

Posteriormente, o filósofo alemão Martin Heidegger, aluno de Husserl, passa a utilizar o método fenomenológico em sua analítica existencial, o que o transformou no “pai” do existencialismo, ainda que seu trabalho tenha sido muito mais voltado para uma reflexão centrada não na análise do homem individualmente, mas no Ser, e mais especificamente ainda no “que é que se entende por Ser, que sentido tem tal palavra” (Penha, 1989, p. 36). É de Heidegger um conceito que muito nos interessa: o *Dasein*. Essa palavra é utilizada pelo filósofo para designar “um ser determinado, aquele que existe devidamente localizado no tempo e no espaço” (Penha, 1989, p. 40), ou seja, o ser humano, aquele que tem consciência do existir. Penha (1989) procura traduzir e explicar as palavras de Heidegger da seguinte forma:

É justamente por existir que o homem só pode definir-se a partir de seu ser existente, quer dizer, é o fato de existir que possibilita ao indivíduo ser ou não ser o que é. Enquanto a pedra é, e assim sempre será, o homem *existe* e a partir de então define o que deverá ser (Penha, 1989, p. 40, grifo do autor).

Como explica Dubois (2005, p. 25), para Heidegger, “existir é ter de se apropriar de si, o ser si mesmo de modo próprio ou impróprio acontecendo no modo da relação de realização consigo mesmo e não da pré-doação de um conteúdo”. E assim, para o filósofo, a busca do *Dasein* deve ser a autenticidade, ou seja, ter consciência da dualidade entre o humano e o não humano, entre estar-no-mundo e estar-no-mundo-do-homem, porque ser inautêntico faz com que o “Ser-aí” mergulhe em uma espécie de anonimato que anula a singularidade de sua existência, tornando-a frívola, vulgar, leviana (Penha, 1989).

Ser-no-mundo é habitá-lo, ter familiaridade com o mundo, reconhecê-lo e se reconhecer nele e a partir disso, se relacionar com todas as coisas (Dubois, 2005). Mas para Heidegger, essa autenticidade plena, nesse ser-no-mundo, só pode ser



alcançada a partir da angústia, que tira o ser de sua zona de conforto e o faz transcender (Penha, 1989).

Seguindo esses pensamentos de Heidegger, é que se desenvolve o trabalho de outro filósofo a partir do qual o existencialismo ganhou grande popularidade: o francês Jean Paul Sartre, que nasceu em Paris, na França, em 1905, e cresceu em um ambiente burguês, estudando na *École Normale Supérieure* em Paris onde se formou em Filosofia. Durante a Segunda Guerra Mundial, Sartre foi prisioneiro de guerra e depois se envolveu na Resistência Francesa.

Sartre é conhecido por suas obras filosóficas, literárias e teatrais. Entre seus trabalhos mais notáveis estão *O Ser e o Nada*, lançado em 1943, no auge da Segunda Guerra Mundial e também pela obra *O Existencialismo é um Humanismo*, de 1946, que surge a partir de uma conferência. Ele argumentava que não há essência humana pré-determinada, e que os indivíduos estão condenados à liberdade, o que significa que somos responsáveis por criar nossos próprios valores e significados em um universo aparentemente indiferente. Sua filosofia enfatiza a angústia, o absurdo da existência e a necessidade de enfrentar o vazio existencial. Sua ênfase na liberdade individual e na responsabilidade pessoal continua a ser objeto de estudo e discussão na filosofia contemporânea (Sartre, 1984).

Em seu trabalho, Sartre desenvolveu a fórmula *existência precede a essência* diferenciando a existência como algo concreto, enquanto a essência seria algo abstrato “O homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define” (Sartre, 1984, p. 6). E por isso, o homem é aquilo que ele escolhe ser em sua vida, sendo a sua vontade a força motriz que determina seu destino. “O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: esse é o primeiro princípio do existencialismo” (Sartre, 1984, p. 6).

Responsável pelo seu próprio destino e por suas ações ele procura as melhores decisões a se tomar - definindo como deve agir o homem em sua essência -, e essa responsabilidade é angustiante e isso pode resultar no que Sartre chamou de “má-fé” (Sartre, 1984; 1997), que se refere à negação da liberdade e à evasão da responsabilidade moral, muitas vezes através da adoção de papéis sociais pré definidos. É como passar a ver a si mesmo pelos olhos dos outros, atendendo às expectativas das imagens que são feitas de nós em nossos papéis sociais, num



conflito entre o “para-si” e os demais “para-si”, ou seja, os outros. É a jovem mulher que precisa se comportar com pudor, a mãe e dona de casa que precisa dar conta do cuidado dos filhos de forma exemplar e ainda lidar com todas as tarefas, o garçom que precisa agir de acordo com um protocolo de comportamento esperado. Esse processo, muitas vezes, resulta em uma ilusão ou distorção da realidade e mesmo então a angústia está presente (Sartre, 1997).

Sartre faleceu em 1980, deixando para trás uma vasta produção literária e filosófica que reverbera ainda hoje, em artigos como esse, por exemplo, que muito além de trazer uma síntese da filosofia existencialista, se preocupa em entender como esses pensamentos podem ser úteis em “novas práticas”, como a Biblioterapia. E a partir dessa revisão feita até aqui, percebe-se interseções entre ambos os campos de estudo, especialmente no que diz respeito às relações do “eu” para com o mundo e às formas de lidar com isso.

Mas nossa revisão não estaria completa sem antes trazer uma breve contextualização do que é a Biblioterapia e de como ela se constitui. Vamos a isso, então.

3 A BIBLIOTERAPIA: ABORDAGEM TERAPÊUTICA PELA LITERATURA

A biblioterapia é um campo interdisciplinar que usa livros e outras formas de literatura como ferramentas terapêuticas para ajudar as pessoas a lidar com uma variedade de desafios emocionais e psicológicos. Seu nome se origina de dois termos gregos *biblion* – livro -, e *therapeia* – tratamento. E assim como o nome esse campo tem como base estudos que vêm sendo realizados há milênios, remontando ao filósofo grego Aristóteles, em sua obra *Poética* (2004), que analisou a liberação da emoção resultante da tragédia – a chamada catarse.

Posteriormente as pesquisas passaram para o campo da psiquiatria, primeiro com estudos a respeito da relação entre psique humana e literatura por parte de psicanalistas como Sigmund Freud (1969) e Carl Gustav Jung (2008) e chegando aos estudos literários por meio de Wolfgang Iser, que organizou os



princípios da Estética da Recepção, discutindo sobre as reações dos leitores (Iser, 1999).

Além disso, em seus estudos, realizados ainda na década de 1940, Caroline Shrodes, já traz um levantamento do que seriam as principais definições, conceitos e objetivos da biblioterapia. Em 1949, ela defendeu sua tese obtendo título de Doutora em Filosofia e Educação na Universidade de Berkeley, na Califórnia, com o trabalho *Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study*.

Por meio desse trabalho, Shrodes conceituou a biblioterapia como um processo dinâmico de interação entre o leitor e a literatura que pode resultar em compreensão das emoções possibilitando que se lide com elas de forma mais consciente e produtiva. Para essa autora, a literatura ficcional é mais indicada para os exercícios de biblioterapia, pois garantem uma introspecção maior e assim uma experiência emocional mais efetiva. Shrodes continua sendo uma referência importante nesse campo de estudo.

Em anos mais recentes, especialmente a partir da década de 1980, surgem pesquisas ainda mais específicas na área da biblioterapia e cada vez mais elas demonstram a eficácia dessa ferramenta em uma variedade de contextos. Isso engloba, inclusive, tanto os tratamentos pós-traumáticos e de restabelecimento da saúde emocional quanto o trabalho preventivo e o de desenvolvimento da inteligência emocional.

Por exemplo, um estudo publicado na revista *Research on Social Work Practice* em 2015, descobriu que a biblioterapia era uma abordagem eficaz para ajudar adolescentes a lidar com questões de identidade e autoestima. Outro estudo, publicado na revista *Journal of Consulting and Clinical Psychology* em 2008 descobriu que a biblioterapia foi eficaz no tratamento da depressão em adultos.

Outro estudioso importante deste campo é Marc-Alain Ouaknin, um filósofo, rabino e professor franco-israelense que escreveu um livro intitulado *Biblioterapia*, publicado no Brasil em 1996. O livro de Ouaknin (1996) apresenta a biblioterapia como uma prática terapêutica que usa a leitura de livros como uma ferramenta para ajudar as pessoas a lidar com problemas emocionais e psicológicos. Ele argumenta que a leitura de obras literárias pode ajudar as pessoas a encontrar significado, consolo e orientação em momentos de crise, e que a biblioterapia pode



ser usada tanto como um complemento à terapia tradicional quanto como uma forma de autoajuda.

Já no Brasil, entre as principais referências ao estudo da terapia a partir da leitura está Clarice Fortkamp Caldin. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UFSC), Mestre e Doutora em Literatura pela mesma universidade, ela foi professora na Graduação do Curso de Biblioteconomia da UFSC e ministrou, entre outras disciplinas, a de Biblioterapia.

Em seus estudos, definiu a biblioterapia como a

leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios. Dessa forma, o homem não está mais solitário para resolver seus problemas; ele os partilha com seus semelhantes, em uma troca de experiências e valores (Caldin, 2001, p. 36).

A partir de pesquisas como as mencionadas acima, a biblioterapia se apresenta em duas formas principais: a clínica e a de desenvolvimento pessoal. A primeira é aquela mediada especialmente por psicoterapeutas e médicos com seus pacientes nas clínicas, consultórios e hospitais de psicologia e psiquiatria, normalmente após um diagnóstico; e a segunda caracteriza-se por se aplicada junto de programas educacionais e sociais, realizada de forma coletiva, por meio de grupos de leitura que são mediados por um biblioterapeuta (Santos; Ramos; Sousa, 2017).

Por isso, a Biblioterapia tem sido usada tanto em projetos sociais e escolas para promover a empatia e a compreensão mútua em contextos educacionais e comunitários, como em consultórios de psicólogos e também em contextos de hospitais e centros de tratamento de câncer, por exemplo, para ajudar pacientes a lidar com o estresse e a ansiedade associados ao tratamento médico, sempre tendo como objetivo desenvolver uma maior compreensão das perspectivas de outras pessoas e a promover a conexão e a solidariedade. Ou seja, a biblioterapia promove benefícios na relação do ser humano consigo mesmo e também na sua relação com os demais.



Tudo isso se dá a partir de métodos biblioterapêuticos que também foram sendo desenvolvidos por esses estudiosos. Como explica Caldin (2001),

O método biblioterapêutico consiste em uma dinamização e ativação existencial por meio da dinamização e ativação da linguagem. As palavras não são neutras. A linguagem metafórica conduz o homem para além de si mesmo; ele se torna outro, livre no pensamento e na ação (Caldin, 2001, p. 37).

Essas dinâmicas variam bastante de um grupo para o outro, de um mediador para o outro e também variam segundo aspectos culturais. Mas de uma forma geral a metodologia de aplicação da biblioterapia envolve desde a identificação do problema, passando pelo desenvolvimento de um plano de leitura e diálogo - e se for o caso incluir outras atividades - até o acompanhamento e finalização (Gusmão; Souza, 2020). Dentro desse processo um dos pontos mais delicados é justamente o da escolha do material que também deve levar em consideração, além do que se deseja alcançar com a leitura, os gostos, o nível intelectual, as tendências, a idade, etc, do leitor.

E o que todos esses métodos visam provocar ou aflorar no leitor são alguns processos, como a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção (Caldin, 2024), a partir dos quais se efetiva a terapia por meio dos livros.

4 O DR. FRANKENSTEIN EXISTENCIALISTA DE MARY SHELLEY

Com sua narrativa complexa e emotiva, *Frankenstein: ou o Prometeu Moderno* é um romance gótico clássico escrito por Mary Shelley (2019). A obra é frequentemente considerada a primeira história de ficção científica: o enredo explora temas como a ambição desenfreada, a responsabilidade moral e as consequências do conhecimento científico sem controle.

A história segue Victor Frankenstein, um jovem cientista obcecado pela ideia de criar vida a partir de matéria morta. Ele consegue criar um ser, mas, horrorizado com sua aparência, o abandona. A criatura sem nome, rejeitada e desamparada, se torna uma figura trágica, rejeitada pela sociedade e consumida pela solidão, que



busca vingança contra seu criador, desencadeando uma tragédia que afeta ambos de maneiras profundas. A narrativa é contada principalmente através de cartas e relatos de Victor e da criatura, criando uma atmosfera intensa e melancólica.

Desde sua publicação inicial, *Frankenstein* inspirou inúmeras adaptações literárias, como em Shelley (2021), e cinematográficas que oferecem interpretações variadas da história original. As diferentes versões literárias do livro, incluindo edições revisadas e ampliadas por Shelley, exploram nuances adicionais dos personagens e aprofundam os dilemas morais envolvidos na criação da criatura.

No cinema, Frankenstein também teve um impacto significativo. Uma das versões mais icônicas é o filme de James Whale de 1931, estrelado por Boris Karloff como a criatura. Este filme estabeleceu muitos dos elementos visuais e temas que agora associamos a Frankenstein, como a aparência do monstro e a cena do laboratório. Outras adaptações notáveis incluem *Frankenstein* de Kenneth Branagh (1994), notável porque segue o enredo original de Shelley de perto e foi aclamado pela crítica por isso, além de *A Noiva de Frankenstein* (1935) e *Victor Frankenstein* (2015), uma reimaginação do mito com um foco nas origens da amizade entre Victor e Igor. Ou seja, cada versão tem suas próprias nuances e interpretações da história.

Dessa forma, enquanto o livro de Mary Shelley é uma obra literária rica em detalhes psicológicos e filosóficos, muitas adaptações cinematográficas enfatizam mais o horror e o aspecto visual do monstro. Algumas adaptações literárias tentam se manter fiéis ao livro, enquanto outras buscam inovar e atualizar a história para novas audiências. De todas as formas, cada versão oferece uma abordagem única ao material original, explorando as implicações filosóficas e éticas das ações das personagens.

Aliás, uma das explicações para a força duradoura de Frankenstein mesmo depois de tanto tempo de sua publicação original, reside justamente na capacidade da história de provocar reflexões. A criatura de Frankenstein tornou-se um ícone cultural, simbolizando a alienação, a busca por aceitação e a busca pelo sentido da vida. Mas não apenas, como mostram estudos já realizados, como o de Alexandra Guimarães (2018), que define *Frankenstein* como um romance existencialista, afirmando que ele reflete



sobre o que significa ser humano num mundo mecanizado e sem transcendência, mas recusando de forma crítica a idealização do humano, ou pelo menos a ideia Romântica (perfilhada por William Godwin e P. B. Shelley) da sua superior perfeição ou da sua perfetibilidade crescente. (Guimarães, 2018, p. 193)

Partindo desse pressuposto, é que buscaremos a seguir responder a questão que nos moveu até aqui, ou seja, de que forma uma obra como *Frankenstein*, que contém essas questões existenciais, pode ser empregada como uma ferramenta eficaz para explorar perspectivas filosóficas sobre a busca pelo sentido da vida, com foco especial no existencialismo, e impactar na vida do leitor.

5 O EXISTENCIALISMO DE FRANKENSTEIN

A abordagem metodológica deste estudo fundamenta-se em dois pilares principais: a revisão bibliográfica e a análise literária qualitativa. A revisão bibliográfica foi realizada a partir do levantamento e estudo de obras clássicas e contemporâneas sobre existencialismo, filosofia, com ênfase em autores como Heidegger, Sartre, Camus e estudiosos da biblioterapia como Caldin e Ouaknin. Esse levantamento permitiu mapear os conceitos fundamentais do existencialismo e as práticas biblioterapêuticas, fornecendo o arcabouço teórico para a análise que se segue.

Partimos, então, para uma leitura atenta da obra de Mary Shelley. O volume que utilizamos para essa análise foi publicado em 2019 pela editora Excelsior, com tradução de Rafaela Caetano e tem como base o texto na íntegra da edição de 1831 de Mary Shelley, ou seja, uma edição que tem alguns ajustes e ampliações em relação à primeira publicação. Ele traz, inclusive, uma introdução escrita pela própria autora onde ela fala sobre o processo de escrita e sobre os ajustes que fez na obra, esclarecendo que “elas se referem principalmente ao estilo. Não mudei nenhuma parte da história nem apresentei novas ideias ou circunstâncias” (Shelley, 2019, p. 14). Ela esclarece ainda que sentiu a necessidade de corrigir a linguagem “onde ela estava enfastiante a ponto de interferir no interesse da narrativa” (Shelley, 2019, p. 14-15).



O processo analítico foi estruturado em quatro etapas: 1) Leitura exploratória: contato inicial com a obra para reconhecimento dos temas centrais; 2) Leitura analítica e interpretativa: identificação e interpretação dos elementos existencialistas presentes na narrativa, como responsabilidade, liberdade, angústia, alienação e busca de sentido; 3) Crítica interna e externa: avaliação do valor filosófico e literário da obra, considerando o contexto de produção e as intenções da autora; e 4) Proposição biblioterapêutica: elaboração de sugestões práticas para a aplicação dos temas identificados em grupos de biblioterapia.

Fazendo um cruzamento da obra com o pensamento existencialista a partir da revisão bibliográfica apresentada anteriormente nesse artigo, podemos dizer que alguns dos assuntos que a obra aborda e que resultam em reflexões de cunho existencialista podem ser:

- **Criação, responsabilidade e angústia:** Uma das questões centrais da obra é a responsabilidade do criador em relação à sua criação. O Dr. Victor Frankenstein cria o monstro e, posteriormente, se sente responsável pelas ações do monstro. Isso levanta questões morais sobre as consequências de nossas ações e nossa responsabilidade em relação ao que criamos. Também reflete sobre a angústia de lidar com a liberdade e suas consequências.
- **Natureza Humana:** O monstro é uma figura trágica que anseia por aceitação e amor, mas é rejeitado pela sociedade devido a sua aparência. Isso levanta questões sobre a natureza humana e como o julgamento com base na aparência física pode levar à alienação e à crueldade.
- **Conhecimento e Ambição:** Victor Frankenstein busca conhecimento e poder através da ciência, mas sua ambição o leva a criar uma criatura horrível. Isso levanta a questão de até que ponto o conhecimento e a ambição devem ser controlados, bem como as consequências da busca desenfreada por conhecimento.
- **Destino e Liberdade:** A obra sugere a luta entre o destino e a liberdade. O monstro argumenta que sua vida de desgraça foi determinada por sua criação, enquanto Victor argumenta que suas



próprias ações o levaram a essa situação. Isso levanta questões sobre o quanto somos responsáveis por nossas escolhas e até que ponto somos moldados por circunstâncias externas.

- **Alienação Existencial:** O monstro enfrenta uma profunda alienação existencial, buscando um propósito e significado para sua existência. Isso reflete a luta humana comum para encontrar significado na vida e lidar com o vazio existencial.
- **Natureza e Tecnologia:** A obra aborda a tensão entre a natureza e a tecnologia. Victor Frankenstein desafia a ordem natural ao criar vida artificialmente, e as consequências disso são desastrosas. Isso levanta questões sobre o impacto da tecnologia na natureza e na humanidade e sobre o poder delas.

Esses são apenas alguns exemplos de assuntos abordados pela obra de Mary Shelley e como não é nosso objetivo aqui esgotar essa relação entre Frankenstein e o existencialismo, acreditamos que os elementos trazidos já deixam evidentes o cruzamento que há entre o livro e a filosofia, ou seja, o quanto o romance é fecundo para discussões existencialistas, uma vez que aborda temas centrais como responsabilidade, liberdade, angústia, alienação e a busca de sentido.

Mas como trabalhar essas questões em um grupo de Biblioterapia? Uma leitura cuidadosamente orientada, sempre pode desencadear naturalmente essas discussões e reflexões sobre questões existenciais pessoais, especialmente quando a própria obra traz à tona esses temas, no entanto, um dos nossos objetivos aqui é o de apresentar uma proposta de condução para uma atividade biblioterapêutica. Vamos a ela, então.

6 PROPOSTA DE TRABALHO PARA UM GRUPO DE BIBLIOTERAPIA

Voltando à revisão teórica feita ao longo deste trabalho, nos ocorre que pode existir um método interessante de aplicação biblioterapêutica a partir do conceito de *Dasein* de Heidegger. Ou seja, uma abordagem terapêutica que utiliza a



leitura de textos literários como uma ferramenta para promover o bem-estar emocional e o crescimento pessoal, aplicada a partir do pensamento de Heidegger, da apropriação de si numa busca por consciência e autenticidade.

Com base nas leituras das obras de Penha (1989), Steiner (1990) e Dubois (2005) sobre o trabalho de Heidegger, podemos propor alguns tópicos de abordagem:

- **Compreensão e autenticidade:** compreender melhor seu próprio *Dasein*, ou seja, sua existência única e suas preocupações existenciais.
- **Contexto e situação:** A leitura de textos literários permite que os leitores explorem diferentes contextos e situações, o que pode ajudá-los a ganhar insights sobre suas próprias vidas. Heidegger enfatiza a importância do contexto na compreensão da existência (Dubois, 2005), e a literatura oferece uma maneira de explorar diferentes contextos e perspectivas.
- **Autenticidade e escolhas:** Heidegger argumenta que a autenticidade envolve fazer escolhas significativas em nossa existência (Penha, 1989). A partir das noções de *Dasein*, os leitores podem refletir sobre as escolhas feitas pelos personagens e considerar como essas escolhas se relacionam com suas próprias vidas.
- **Exploração de emoções e experiências:** A literatura muitas vezes lida com emoções humanas profundas e experiências complexas. Através da leitura e a partir do conceito de *Dasein*, os leitores podem explorar suas próprias emoções e experiências de uma maneira segura e reflexiva, o que é um aspecto importante da terapia. Eles podem, por exemplo, falar sobre como se sentiram diante de determinadas situações apresentadas no livro, ou mesmo, sobre como foi mergulhar nessa história.
- **Construção de significado:** O conceito de *Dasein* quando explorado a partir da literatura e especialmente da biblioterapia, pode ajudar os leitores a construir significado em suas vidas, à medida que eles se envolvem com textos literários e relacionam as histórias e personagens com suas próprias experiências.



Com base nisso, um roteiro possível de aplicação de biblioterapia, considerando uma sessão de cerca de 1h30, com um público adulto ou jovem, seria o seguinte:

a) Introdução

- Apresentação do tema: contextualizar brevemente o existencialismo e o conceito de *Dasein* (ser-no-mundo), destacando a relação entre literatura e autoconhecimento.
- Leitura compartilhada: selecionar um trecho emblemático como, por exemplo, o discurso da criatura sobre sua solidão.

b) Compreensão e Autenticidade

- Discussão sobre a identidade da criatura com perguntas como *“Como a busca por aceitação do monstro reflete nossa própria luta por autenticidade?”* e *“Quais máscaras sociais você reconhece em si mesmo, assim como a criatura busca esconder sua aparência?”*.

c) Contexto e Situação

- Analisar o contexto histórico de Frankenstein (avanços científicos do século XIX) e relacionar com dilemas atuais (ex.: inteligência artificial, edição genética). Pode-se trazer perguntas como *“Como as escolhas de Victor Frankenstein se relacionam com a responsabilidade ética na ciência hoje?”* e *“Que ‘monstros’ modernos sua sociedade cria, e qual seu impacto coletivo?”*.

d) Autenticidade e Escolhas

- *Role-playing*: Dividir o grupo em “Victor” e “criatura” para debater questões como *“Victor deveria ter destruído a criatura após sua criação?”* e *“A criatura tinha direito à vingança?”*.
- Refletir sobre como as escolhas dos personagens ilustram a liberdade e responsabilidade existencialistas. Trazer perguntas como *“Como suas próprias escolhas refletem (ou não) sua autenticidade?”*.



e) Exploração de Emoções e Experiências

- Pedir que os participantes associem emoções a trechos da obra compartilhando com o grupo o trecho que mais ressoou com suas experiências de vida, a partir de questões sobre *“Como a angústia da criatura se conecta com suas próprias inquietações existenciais?”*.

f) Construção de significado e encerramento

- Síntese coletiva: Cada participante compartilha uma palavra ou frase que resume sua experiência.
- Proposta de escrita reflexiva pós-seção: sugerir que os participantes escrevam, se quiserem, sobre *“O que Frankenstein ensina sobre responsabilidade, liberdade e pertencimento?”*

Esse seria um roteiro possível de se ter em mãos em uma prática de biblioterapia com leitura e discussão orientadas. A partir desses tópicos que estão ligados ao conceito de *Dasein* de Heidegger é possível utilizar o existencialismo como uma ferramenta de Biblioterapia. Eles são apenas sugestões, mas de uma forma geral, indicam que Frankenstein pode ser utilizado como disparador de reflexões sobre dilemas existenciais universais. A obra favorece a identificação dos leitores com os personagens e seus conflitos, promovendo o autoconhecimento e a introspecção.

Quanto à proposta de aplicação prática, fundamentada no conceito de *Dasein* de Heidegger, ela sugere que a leitura orientada do romance, seguida de discussões guiadas, pode estimular a compreensão da autenticidade, a análise das escolhas e a construção de significado pessoal a partir da experiência literária. Questões como “O que faria no lugar do criador ou da criatura?” ou “Como a busca por aceitação e autenticidade se manifesta em sua vida?” são exemplos de perguntas que podem ser exploradas em grupos de biblioterapia, promovendo um espaço seguro para a expressão de sentimentos e a ressignificação da angústia existencial.



Dessa forma, os principais achados demonstram que a integração entre literatura, filosofia existencialista e biblioterapia amplia as possibilidades terapêuticas e educativas. O uso de Frankenstein em contextos biblioterapêuticos pode contribuir não apenas para o desenvolvimento intelectual, mas também para o crescimento pessoal e emocional dos participantes, ao proporcionar uma plataforma para a reflexão sobre os grandes temas da existência humana.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo buscamos encontrar caminhos possíveis para o cruzamento entre a biblioterapia e a filosofia, nesse caso, por meio da corrente filosófica do existencialismo e usando como ferramenta para isso um dos clássicos da literatura mundial, o livro Frankenstein da escritora inglesa Mary Shelley. Nosso objetivo era procurar entender se esse objeto de estudo tinha potencial para impactar na vida do leitor e como isso poderia acontecer, ou seja, por meio de quais temas a discussão existencialista poderia se dar e ainda, de que forma a biblioterapia poderia se utilizar do existencialismo para promover reflexões, desenvolvimento pessoal e bem estar.

E o que observamos é que a obra possui, sim, uma gama variada de assuntos que podem ser abordados sob uma perspectiva existencialista. Entre esses temas estão a responsabilidade, angústia, natureza humana, destino e liberdade, entre outros. Além disso, a partir da revisão teórica sobre o existencialismo, que nos trouxe conceitos básicos de alguns dos principais filósofos dessa corrente, foi possível imaginar caminhos possíveis de discussão, especialmente a partir do conceito de *Dasein* de Heidegger. Assim, apontamos tópicos de abordagem por meio dos quais o *Dasein* pode ser utilizado como base para uma atividade biblioterápica, para uma leitura orientada e cuidadosa, com especial enfoque no livro Frankenstein.

A intersecção entre a literatura, a filosofia existencialista e a biblioterapia oferece um terreno fértil para a exploração da busca pelo sentido da vida. Ao mergulhar em personagens literários que enfrentam dilemas existenciais e ao utilizar a biblioterapia como uma ferramenta estruturada para discussões e reflexões, os



indivíduos podem obter uma compreensão mais profunda de suas próprias vidas e valores. Esta abordagem não apenas enriquece a experiência de leitura, mas também proporciona uma oportunidade valiosa para a autorreflexão e o crescimento pessoal.

No que se refere especificamente à leitura de *Frankenstein* na biblioterapia, acreditamos que ela pode ser uma maneira eficaz de explorar questões existenciais e promover a reflexão, inclusive sobre o *Dasein*. Através da análise e discussão da obra, os leitores podem ganhar *insights* sobre suas próprias vidas e existências, bem como sobre as complexas interações entre ser humano, tecnologia, sociedade e natureza. Assim, considerando que a biblioterapia no Brasil ainda é recente e que ainda está sendo compreendida pelos cientistas e pela sociedade, acreditamos que o estudo pode contribuir ao menos como um primeiro passo na direção de aprender novas e variadas formas de se aplicar a biblioterapia em quaisquer espaços que ela seja proposta.

Apesar dos avanços apresentados, é importante reconhecer algumas limitações deste estudo. Por se tratar de uma pesquisa de natureza teórica, baseada em revisão bibliográfica e análise qualitativa de uma única obra literária, os resultados aqui discutidos não podem ser generalizados para outros contextos, públicos ou obras sem cautela. Além disso, a proposta de aplicação biblioterapêutica não foi testada empiricamente em grupos de leitura, o que limita a avaliação de sua efetividade prática. Portanto, para investigações futuras, recomenda-se a realização de estudos de campo com grupos de diferentes perfis, a análise da experiência dos participantes em sessões de biblioterapia com enfoque existencialista, bem como o desenvolvimento de instrumentos para avaliar o impacto dessas práticas no bem-estar e no autoconhecimento dos leitores. Tais esforços poderão contribuir para o fortalecimento da biblioterapia como prática terapêutica e educativa, além de ampliar o diálogo entre literatura, filosofia e saúde mental.

AGRADECIMENTOS



Gostaria de agradecer à professora Dra. Marli Silveira que ministrou a disciplina Literatura e Filosofia junto ao Programa de Pós-Graduação da Unisc (PPGL-Unisc) em 2023, a partir da qual surgiu a ideia para esse artigo. As aulas profundas em reflexões e análises literárias, bem como a orientação cuidadosa e carinhosa para o projeto deste artigo, foram fundamentais para que ele saísse do mundo das ideias para o papel. Além disso, seu exemplo de professora/escritora/poeta foram inspiradores.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da Autora, 2024.

CALDIN, Clarice F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 32-44, 2001. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2001v6n12p32>. Acesso em: 20 out. 2023.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1957.

DUBOIS, Christian. **Heidegger**: introdução a uma leitura. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e suas relações com o inconsciente**. Tradução de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GUIMARÃES, Alexandra. “Like an inspired and desperate alchymist”: Ler/s Frankenstein no cruzamento das ciências e das humanidades. *In*: ARAÚJO, Alberto F.; ALMEIDA, Rogério de; BECCARI, Marcos (orgs.). **O mito de Frankenstein**: imaginário e educação. São Paulo: FEUSP, 2018. p. 175-197. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/213/193/895?inline=1>. Acesso em: 20 out. 2023.

GUSMÃO, Alexandre O. de M.; SOUZA, Elaine G. J. de. A Biblioterapia como ferramenta de restabelecimento emocional. **Revista Investigación Bibliotecológica**, Cidade do México, v. 34, n. 85, p. 33-59, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2020.85.58166>. Acesso em: 18 fev. 2023.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.



JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos.** Tradução de Maria Lúcia Pinto. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia.** Tradução de Nicolás Niyemi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

PENHA, João da. **O que é existencialismo.** 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PETIT, Michèle. **A arte de ler.** Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, Andréa P.; RAMOS, Rubem B. T.; SOUSA, Thais C. S. Biblioterapia: estudo comparativo das práticas biblioterápicas brasileiras e norte-americanas. **Revista Eletrônica Comun Inf Inov Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 1-15, 2017. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1072>. Acesso em: 18 fev. 2023.

SARTRE, Jean Paul. **A náusea.** 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. 253 p.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada:** ensaio de ontologia fenomenológica. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo; a imaginação; questão de método.** São Paulo: Abril Cultural, 1984.

STEINER, George. **Heidegger.** Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1990.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein:** em quadrinhos. Jandira, SP: Principis, 2021.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein:** ou o Prometeu Moderno. Tradução de Rafaela Caetano. São Paulo: Excelsior, 2019.

NOTAS

Luana Daniela Ciecelski

Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Minicurriculo: Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), onde é bolsista Prosuc-CAPES - Modalidade I. Mestra em Letras pelo PPGL - Unisc (2021). Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Unisc (2016). Mediadora do Clube Leia Mulheres de Santa Cruz do Sul.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4353-7460>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5101859938091450>

Email: luanaciecelski@yahoo.com.br

LICENÇA DE USO

CC BY-NC-ND.

ENTIDADE EDITORA



Associação Catarinense de Bibliotecários.

HISTÓRICO

Recebido em: 18-04-2024 - Aprovado em: 30-06-2025

